

Recuo da construção prejudica projetos

Expansão de cimenteiras fica em compasso de espera com desaceleração da economia

Fernando Scheller
Mônica Scaramuzza

A desaceleração do setor de construção civil no Brasil deve colocar em compasso de espera alguns dos projetos de novas fábricas anunciados pelas indústrias instaladas no Brasil até 2020. Hoje, a construção civil responde por 75% do cimento consumido no País – outros 25% são destinados para infraestrutura.

A expectativa do setor era de que 35 milhões de toneladas de cimento fossem adicionadas, nos próximos seis anos, à atual capacidade instalada no País, de 86 milhões de toneladas por ano, segundo dados já anunciados pelo Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (Snic). Parte dessa expansão, contudo, deve ser revista, segundo fontes ouvidas pelo Estado.

A InterCement, da Camargo Corrêa, anunciou no ano passado que tinha planos de abrir quatro novas fábricas no País até 2016. Apenas duas vão sair efetivamente do papel – a ampliação da unidade em Goiás e outra em construção na Paraíba.

As outras duas devem ser postergadas. “Nossa ideia era ter uma fábrica em Santarém (PA) ou Manaus, porque nossa presença no Norte do País é pequena. Havia ainda mais uma em discussão para Curitiba”, afirmou José Edison Barros Franco, presidente do conselho de administração da companhia. O grupo tem hoje 40 unidades, das quais 16 estão localizadas no Brasil. A capacidade de produção no País é de 17,9 milhões de toneladas por ano.

● **Descompasso**
“É uma situação de desequilíbrio. A oferta (de cimento) cresceu e a demanda não acompanhou.”

Paulo Aguiar
DIRETOR-SUPERINTENDENTE
DA ITAMBÉ

Aquisições também estão fora do radar da companhia. Primeiro, porque a InterCement está entre as empresas que sofreram pesadas punições do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) em maio, no caso conhecido como cartel do cimento (leia ao lado). A companhia foi multada em R\$ 241,7 milhões. O outro motivo é a disciplina financeira estabelecida pela empresa.

Estagnação. Por causa do cenário mais apertado para o setor de construção civil, devem entrar em operação apenas unidades que já estavam em construção, afirmaram fontes.

É o que deve fazer a siderúrgica CSN, que pretende inaugurar em 2015 sua segunda fábrica de cimento. O grupo, que entrou no setor em 2009, com uma unidade em Volta Redonda (RJ), com capacidade para 2,4 milhões de toneladas por ano, está erguendo sua segunda unidade em Arcos (MG). A fábrica será integrada à mina de calcário que a CSN tem na cidade. A capacidade adicional será de 3 milhões de toneladas. Com a nova unidade, o faturamento dessa divisão do grupo deverá superar a marca de R\$ 1 bilhão.

A cimenteira Itambé, que mantém uma única unidade em Balsa Nova, no Paraná, foi uma das empresas que, na esteira do forte crescimento da construção civil entre 2009 e 2012, investiram pesado na ampliação de sua capacidade. A empresa aumentou em 80% sua fábrica, que hoje pode produzir até 2,8 milhões de toneladas por ano.

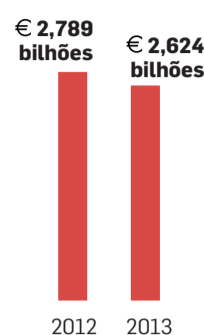
Com a “virada” do mercado de construção, o diretor-superintendente da Itambé, Paulo Aguiar, não tem nenhuma perspectiva de atingir o ápice de sua produção nos próximos anos. Em 2013, a produção da empresa ficou um pouco abaixo de 1,8 milhão de toneladas – e a expansão prevista para 2014 é bem modesta, de 1,5%.

O executivo diz, porém, que mesmo este magro crescimen-

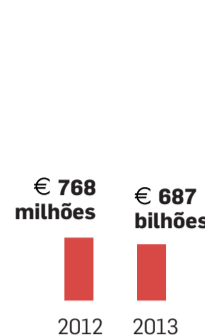
CIMENTEIRA DA CAMARGO CORRÊA

● Companhia trabalha para reduzir endividamento e se consolidar nos mercados em que já atua

Faturamento



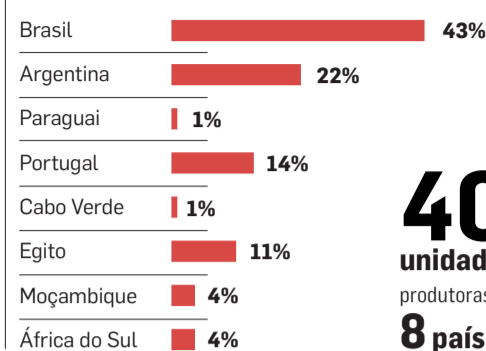
Ebtida



Endividamento

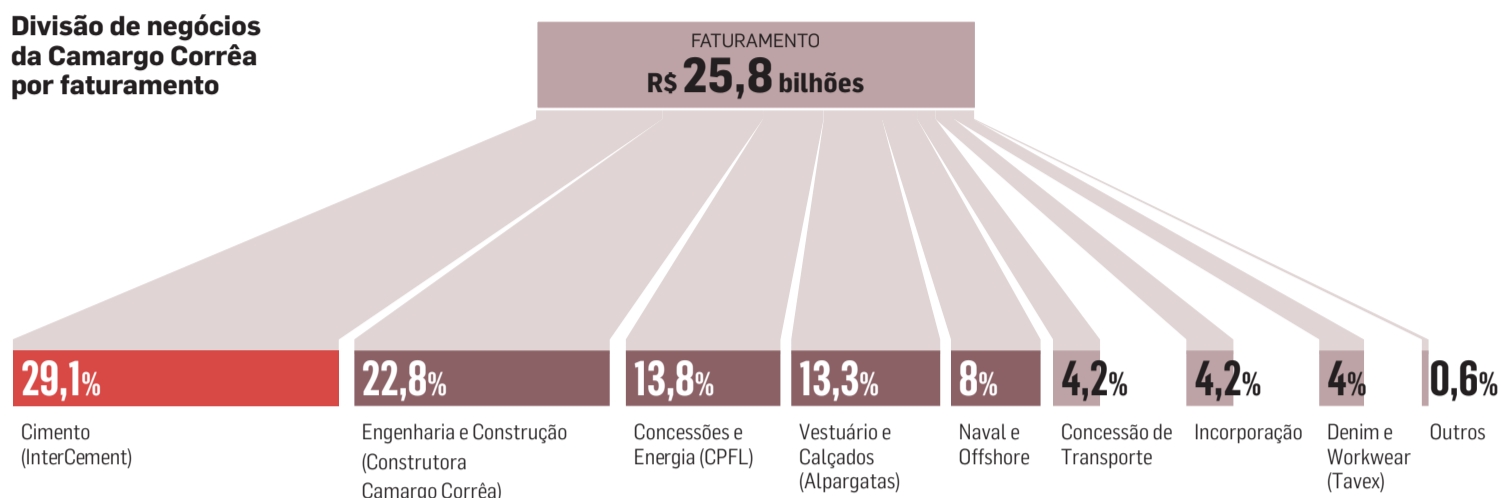


Produção anual por País



40
unidades
produtoras em
8 países

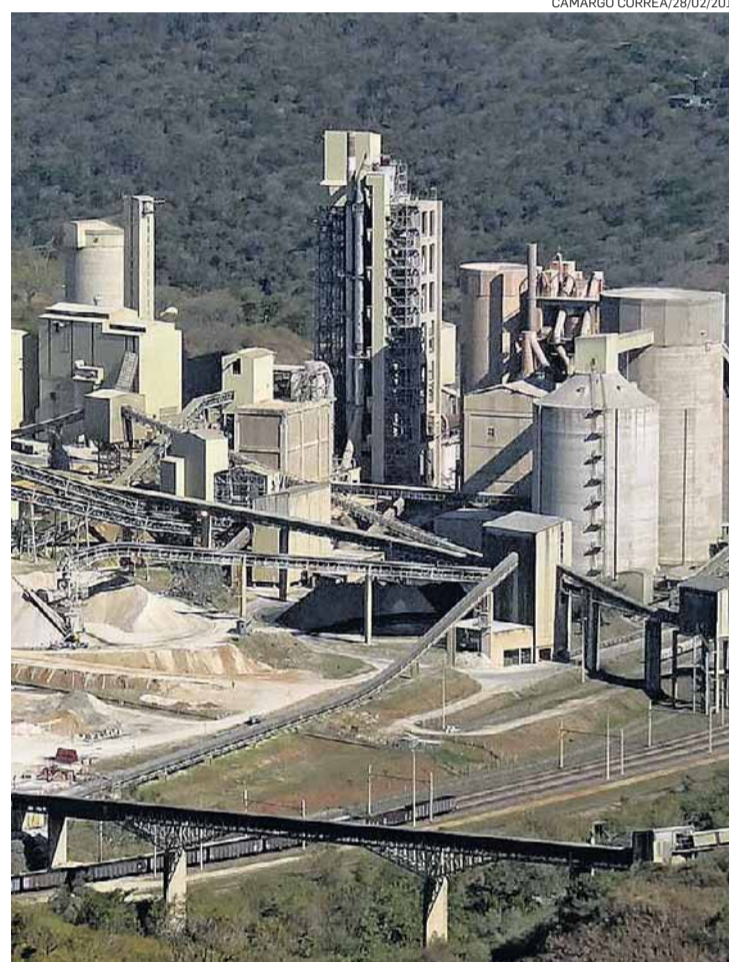
Divisão de negócios da Camargo Corrêa por faturamento



FONTE: EMPRESA

CAMARGO CORRÊA/28/02/2013

INFOGRÁFICO/ESTADÃO



Internacional. Fábrica da InterCement na África do Sul

to em volume poderá não se refletir no faturamento, que tende a ficar quase estável em relação aos R\$ 750 milhões de 2013.

Aguiar explica que essas novas fábricas que estão entrando em operação no País ainda refletem o período de bonança do mercado. Porém, ao chegarem na hora errada, essas unidades devem pressionar os preços para baixo. “É uma situação de de-

sequilíbrio. A oferta cresceu e a demanda não acompanhou.”

Na contramão, a Votorantim Cimentos, que anunciou investimentos de R\$ 11 bilhões entre 2007 e 2016, disse que nada será alterado. A empresa tem meta de adicionar 8 milhões de toneladas à capacidade atual até 2018.

Projetos em andamento, como as obras das futuras operações em Edealina (GO), Primavera-

PARA LEMBRAR

Cade impôs multa recorde

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) concluiu em maio o julgamento do caso conhecido como “cartel do cimento”. A multa imposta às seis empresas envolvidas soma R\$ 3,1 bilhões, a maior já imposta pelo órgão antitruste. Elas foram acusadas de controlar 90% da indústria cimenteira do País em 2005, movimentando 29 milhões de toneladas.

Foram condenadas as empresas Votorantim, Holcim, Itabira Agro, Cimpor do Brasil, Camargo Corrêa e Itambé, além do sindicato e de duas associações ligadas ao setor. A Votorantim recebeu a maior multa, no valor de R\$ 1,565 bilhão. A Holcim foi multada em R\$ 508,593 milhões, a Itabira em R\$ 411,669 milhões, a Cimpor em R\$ 297,82

milhões, a Camargo Corrêa em R\$ 241,7 milhões e a Itambé em R\$ 88 milhões. As empresas vão recorrer da decisão do Cade. A Lafarge, apontada como parte do esquema, fez um acordo com o Cade, o chamado TCC (Termo de Cessação de Conduta), e pagou R\$ 43 milhões para encerrar o caso em 2007.

Além da multa imposta, as empresas estão proibidas de abrir novas fábricas de escória (resíduo da indústria siderúrgica aproveitado na produção de cimento) e cimento nos próximos cinco anos; deverão vender ativos minoritários em cimenteiras, concretarias e em escória; e ficam proibidas de tomar empréstimos até a venda desses ativos. Também estão desautorizadas a parcelar impostos e tributos federais e ficam privadas de tomar empréstimo de agentes financeiros controlados pela União, como o BNDES.

ra (PA) e Sobral (CE), seguem inalterados.

A divisão de cimento do conglomerado fechou 2013 com receita de R\$ 12,1 bilhões, de um total de R\$ 26,2 bilhões do grupo. O endividamento líquido do grupo encerrou 2013 em R\$ 16,8 bilhões, uma relação de 3,12 vezes o Ebtida (lucro antes de juros, impostos, depreciações e amortizações). A companhia

não divulga a dívida por divisão de negócio, mas informou que a alavancagem da área de cimentos era de 3,28 vezes o Ebtida em dezembro de 2013 e que 16% dessa dívida vence de 2014 a 2016.



DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO

‘Achávamos que poderíamos ter um crescimento mais acelerado no Brasil’

José Edison Barros Franco, presidente do conselho de administração da InterCement

Ativos à venda abrem espaço para concorrência

Com a condenação do Cade ao cartel do cimento e a fusão entre Holcim e Lafarge, novos grupos podem entrar no mercado

Grupos estrangeiros e empresas instaladas no Brasil que não estão envolvidas na condenação imposta pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica ao cartel do cimento são fortes candidatos a adquirir os ativos das fabricantes de cimento Holcim e Lafarge, apurou o Estado. Ambas se juntaram para criar uma gigante global do setor.

Na semana passada, o presidente da Holcim, Bernard Fon-

tana, informou que as companhias receberam mais de 100 manifestações de fundos de private equity e cimenteiras com o interesse de comprar o portfólio de ativos das companhias no Brasil, Áustria, Hungria, Romênia, Sérvia, Grã-Bretanha, Filipinas e Ilhas Maurício.

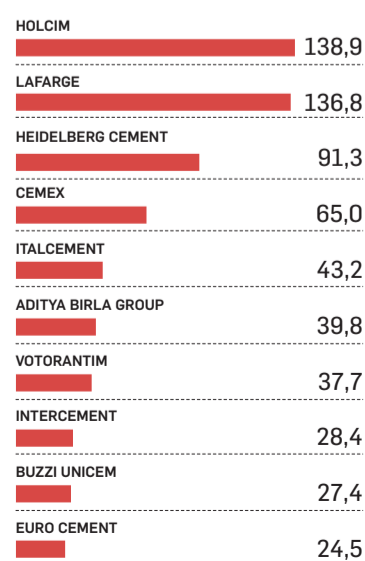
A Lafarge anunciou, na semana passada, que vendeu uma fábrica no Paquistão, por US\$ 329 milhões. Mas esse negócio está fora dos países onde a companhia tem de se desfazer de ativos.

Segundo fontes ouvidas pelo Estado, a empresa mexicana Cemex e a indiana Aditya Birla, que tem atuação no Brasil na área de alumínio, têm forte interesse de entrar no mercado brasileiro de cimento. Procuradas, as companhias não retornaram os pedidos de entrevista. A CSN também foi apontada como uma das companhias nacionais que poderiam aumentar sua participação no mercado brasileiro

ENTRE OS MAIORES

● Ranking dos produtores globais de cimento, excluindo China

EM MILHÕES DE TONELADAS



FONTE: GLOBAL CEMENT REPORT INFOGRÁFICO/ESTADÃO

por meio de aquisições. Procurada pela reportagem, a companhia não comentou o assunto.

“A Cemex já demonstrou interesse de entrar no mercado brasileiro. A questão é se a companhia, que está alavancada, tem condições de fazer aquisições”, disse uma fonte. A companhia mexicana, uma das maiores cimenteiras do mundo, divulgou no dia 18 seu primeiro lucro trimestral desde a crise financeira de 2009. O bom resultado refletiu receita obtida com venda de ativos e ganhos com instrumentos financeiros.

A companhia encerrou o segundo trimestre com lucro líquido de US\$ 76 milhões, enquanto o mercado projetava prejuízo de US\$ 79 milhões. A receita líquida da companhia totalizou US\$ 4,2 bilhões – avanço de 4%, puxado por preços mais altos e uma retomada nos volumes de vendas nos Estados Unidos, no Mediterrâneo, nas Américas Central e do Sul, e no Cari-



Gigante. Suíça Holcim é a maior cimenteira do mundo

be e na Ásia. Já o grupo indiano, com faturamento global de cerca de US\$ 40 bilhões, atua em metais e fertilizantes e é uma das maiores produtoras mundiais de cimento.

Concentração. Segundo fontes, a decisão do Cade imposta às cimenteiras tem como objetivo abrir esse setor para novos grupos, reduzindo a concentração das gigantes que atuam no País. A Votorantim tem participação de 37% no mercado brasi-

leiro e a InterCement, de 18%.

Dados do Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (Snic) mostram que, em 2006, atuavam no Brasil 12 grupos. Entre 2006 e 2013, outros seis grupos entraram no mercado. Até o ano passado, a expectativa para os próximos cinco anos era de que outras nove companhias entrariam no mercado brasileiro. A estimativa foi feita antes da decisão do Cade e do anúncio da fusão entre Holcim e Lafarge. /M.S.